

HBB precisa de Cz\$ 4 bilhões para concluir a sua reforma

Para concluir as reformas iniciadas há cinco anos, o Hospital de Base de Brasília (HBB) necessita de Cz\$ 4 bilhões, hoje. Se o Governo do Distrito Federal dispusesse desta verba para repassar à Fundação Hospitalar do DF, seria necessário ainda a ampliação deste montante num prazo mínimo de um ano (tempo necessário para o acabamento das reformas, levando em consideração a inflação de quase 20% ao mês, fato que leva as empreiteiras a trabalharem em Obrigação do Tesouro Nacional (OTN).

Depois da morte do presidente Tancredo Neves, o HBB se transformou em piada nacional. Com relação à reforma física do Hospital, ele é mais conhecido como "um canteiro de obras". A frase procede, bastando para isso um passeio entre as enormes salas interditadas por falta de verba para prosseguimento da construção. Setores fundamentais foram priorizados para o início da reforma, tais como os da Lavanderia da radiologia, da terapia intensiva, do centro de material esterilizado, dos centros cirúrgicos, dos ambulatórios, das instalações elétricas e hidráulicas, além das alas de internação dos andares. Estas áreas, eleitas para serem reformadas, permanecem até hoje parcialmente interditadas.

A história do Hospital de Base, quando não é ironizada em programas humorísticos, chega a ser triste. O prédio é um dos mais antigos de Brasília, pois existe há 28 anos e funciona 24 horas por dia durante todo este período. Não é sur-

preendente que há dois meses, cinco dos seis elevadores não estavam funcionando. São os mesmos de quando o prédio foi construído, res-salvados os desentendimentos financeiros entre a empresa de manutenção e a Fundação Hospitalar. "Habitualmente um hospital gasta a metade do valor empregado na construção, a cada três anos, só com manutenção", ressaltou Edno Magalhães, diretor do HBB. Ele não soube precisar quanto já foi gasto. "Este cálculo é difícil diante da inflação", disse ele.

Escassez

Há dois anos, as verbas escassearam. "Elas vinham em contagotas", afirma Edno Magalhães. As alas ímpares da internação, do 11º até 2º andar, foram reformadas, mas as pares só o foram até o 9º andar. O elevador de obras ainda está parado no oitavo andar. Os blocos onde são internados os pacientes de emergência, o 3º e 4º andares, estão interditados há dois anos. São 162 leitos bloqueados, número próximo aos 150 pacientes que ficam diariamente em macas nos corredores do Pronto-Socorro, que corresponde também ao número de leitos dos hospitais das satélites. "É um hospital dentro do outro", salienta Magalhães.

Dois pontos críticos já estão próximo de uma solução. Trata-se da lavanderia e da radiologia, que deverão estar com as reformas concluídas num prazo máximo de 60 dias, segundo garante Magalhães. No início deste ano, o GDF liberou Cz\$ 500 milhões. Com a aceleração

das obras da lavanderia, as roupas tiveram que ser levadas nos hospitais do Gama e da Asa Sul, pois as máquinas já estavam arcaicas e a estrutura física do local oferecia riscos aos funcionários. A radiologia, outra prioridade, já tem 80% da área física concluída, restando a instalação dos aparelhos.

O diretor do HBB está na expectativa de obter, em agosto, mais Cz\$ 900 milhões para a conclusão das obras do 3º e 4º andares do bloco de emergência. Nestes andares, deverá funcionar a Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A conclusão desta obra durará, no mínimo, seis meses. As demais áreas em reformas irão depender da liberação de verbas do GDF. Magalhães não consegue precisar quanto tempo ainda o HBB terminará sua reforma, mas ele tem claro que, após a conclusão das obras, novas reformas necessitarão ser iniciadas. "Estamos aguardando que a Constituinte destine mais verbas para a saúde", espera Magalhães. O destino do Hospital de Base, portanto, é continuar sendo um canteiro de obras.

Mesmo diante de tantas adversidades, o diretor do HBB considera o Hospital como um dos mais privilegiados do País. "A situação dos outros hospitais públicos é lastimável", salienta. Hoje, o HBB é o ponto final dos doentes de Brasília e de vários outros estados, afirma Magalhães. Segundo ele, 50% dos pacientes moram há mais de 400 quilômetros do DF.